

Ilana Nogueira Bezerra<sup>I</sup>Rosely Sichieri<sup>II</sup>

# Características e gastos com alimentação fora do domicílio no Brasil

## Characteristics and spending on out-of-home eating in Brazil

---

### RESUMO

**OBJETIVO:** Analisar as características da alimentação fora do domicílio e os gastos com o seu consumo.

**MÉTODOS:** Foi analisada uma amostra complexa de 48.470 domicílios brasileiros, selecionados a partir da base de dados da Pesquisa de Orçamentos Familiares de 2002-2003. O consumo de alimentos fora do domicílio foi definido como a aquisição de, pelo menos, um tipo de alimento para consumo fora de domicílio no período de sete dias. Foram estimadas frequências de consumo de alimentos fora do domicílio segundo idade, sexo, nível de escolaridade, renda mensal familiar *per capita*, número de moradores por domicílio, regiões brasileiras, situação do domicílio (urbano/rural) e capital ou outro município. Nove grupos de alimentos foram estudados: bebidas alcoólicas, refrigerantes, biscoitos, frutas, doces, leite e derivados, refeições, *fast foods* e salgados fritos e assados.

**RESULTADOS:** A frequência de consumo de alimentos fora do domicílio foi de 35%, sendo maior na região Sudeste (38,8%) e menor na região Norte (28,1%). A frequência foi maior entre os indivíduos de 20 a 40 anos (42%), do sexo masculino (39% vs. 31%), com maior nível de renda (52%) e maior escolaridade (61%). Os alimentos mais frequentemente consumidos fora do domicílio foram: refrigerantes (12%), refeições (11,5%), doces (9,5%), salgados fritos e assados (9,2%) e *fast foods* (7,2%). O consumo dos grupos de alimentos cresceu linearmente com a renda, exceto para frutas e biscoitos. Os gastos médios semanais foram menores para biscoitos (R\$ 1,79) e doces (R\$ 2,02) e maiores para refeições (R\$ 21,56).

**CONCLUSÕES:** O consumo de alimentos fora do domicílio é frequente em todas as regiões do Brasil. As políticas públicas devem incorporar essa dimensão ao propor estratégias de alimentação saudável.

**DESCRITORES:** Consumo de Alimentos. Comportamento Alimentar. Serviços de Alimentação, utilização. Restaurantes. Orçamentos. Renda. Inquéritos sobre Dietas.

<sup>I</sup> Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Instituto de Medicina Social (IMS). Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Rio de Janeiro, RJ, Brasil

<sup>II</sup> Departamento de Epidemiologia. IMS-UERJ. Rio de Janeiro, RJ, Brasil

#### Correspondência | Correspondence:

Ilana Nogueira Bezerra  
R. São Francisco Xavier 524  
Pavilhão João Lyra Filho, 7º andar  
Bloco E, sala E7002 – Maracanã  
20550-900 Rio de Janeiro, RJ, Brasil  
E-mail: ilana.bezerra@yahoo.com.br

Recebido: 25/3/2009

Revisado: 15/9/2009

Aprovado: 29/9/2009

---

## ABSTRACT

**OBJECTIVE:** To analyze the characteristics of out-of-home eating and spending on such consumption.

**METHODS:** A complex sample of 48,470 Brazilian households, selected from the 2002-2003 Household Budget Survey (HBS) was analyzed. Out-of-home eating was defined as the purchase of at least one type of food for consumption out of the home during seven days. Frequencies of out-of-home eating were estimated according to age, sex, level of education, monthly per capita household income, number of residents per household, Brazilian regions, situation of household (urban/rural) and capital/other city. A total of nine groups of foods were studied: alcoholic beverages, soft drinks, cookies, fruits, sweets, milk and dairy products, fast foods, sit-down meals and deep-fried snacks.

**RESULTS:** Frequency of out-of-home eating was 35%, being higher in the Southeast region (38.8%) and lower in the North region (28.1%) of Brazil. Frequency was higher in individuals aged between 20 and 40 years (42%), males (39% vs. 31%), with higher income (52%) and educational levels (61%). Foods most frequently consumed out of the home were as follows: soft drinks (12%), sit-down meals (11.5%), sweets (9.5%), deep-fried snacks (9.2%) and fast foods (7.2%). Consumption of food groups increased linearly with income, except for fruits and cookies. Values of weekly mean spending were lower for cookies (R\$ 1.79 or US\$ 0.54) and sweets (R\$ 2.02 or US\$ 0.67) and higher for sit-down meals (R\$ 21.56 or US\$ 6.53).

**CONCLUSIONS:** Out-of-home eating is frequent in all Brazilian regions. Public policies must incorporate this dimension when proposing healthy eating strategies.

**DESCRIPTORS:** Food Consumption. Feeding Behavior. Food Services, utilization. Restaurants. Budgets. Income. Diet Surveys.

---

## INTRODUÇÃO

Mudanças no consumo alimentar e o aumento da inatividade física têm sido relacionados com o crescimento da prevalência de sobrepeso e obesidade e outras doenças crônicas não-transmissíveis, com impacto importante na saúde da população.<sup>10</sup>

Um dos fatores associados à dieta que parece ter uma contribuição considerável no aumento dessas prevalências é o consumo de alimentos fora do domicílio.<sup>10,18,20</sup> Esses alimentos são reconhecidamente menos saudáveis do que os alimentos consumidos dentro de casa; possuem maior densidade energética, maior conteúdo de açúcar, sal e gordura, principalmente saturada; e são, em geral, pobres em fibras, cálcio e ferro.<sup>6-8</sup>

Nos EUA, em 2004, 46% das despesas com alimentação foram destinadas à alimentação fora do domicílio.<sup>16</sup> No Brasil, dados agregados da Pesquisa de Orçamentos

Familiares (POF) realizada em 2002-2003 revelaram que essas despesas somam 24%.<sup>a</sup>

As POF são importantes fontes de dados sobre os gastos com alimentação e têm sido utilizadas para obter estimativas do consumo alimentar das famílias.<sup>15</sup> Embora essas pesquisas não investiguem o consumo de alimentos pelos indivíduos, fornecem informação sobre a aquisição de alimentos para consumo dentro e fora do domicílio.<sup>9</sup>

A última POF brasileira de 2002-2003 incluiu pela primeira vez os tipos de alimentos adquiridos para consumo fora do domicílio. Não há outros dados no Brasil que forneçam informações detalhadas sobre o panorama dos alimentos consumidos pela população brasileira, particularmente fora do domicílio.

---

<sup>a</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Aquisição domiciliar per capita, Brasil e grandes regiões. Rio de Janeiro; 2004.

O presente estudo teve como objetivo analisar as características da alimentação fora do domicílio e os gastos com seu consumo.

## MÉTODOS

Foram utilizados os dados da POF 2002-2003, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) entre julho de 2002 e junho de 2003, por meio de entrevistas em uma amostra de 48.470 domicílios.

O plano amostral e outros detalhes do método foram descritos em outra publicação.<sup>a</sup> A amostra tem representatividade para a população urbana e rural, regiões brasileiras e diferentes níveis socioeconômicos.

Na POF 2002-2003, foram entrevistadas 182.333 pessoas. No presente trabalho, foram incluídos somente os indivíduos acima de dez anos (N=146.525), considerados pela POF como possíveis colaboradores no orçamento (rendimentos, despesas ou aquisições) da família.

As informações relacionadas à alimentação fora do domicílio foram obtidas por meio da aplicação de um questionário de despesa individual com o registro diário da descrição de cada produto adquirido, do valor pago e do local de compra, durante sete dias consecutivos. Os indivíduos tinham a opção de combinar várias aquisições de um mesmo item em um único registro com o total pago durante toda a semana. Definiu-se alimentação fora do domicílio a aquisição de, pelo menos, um alimento para consumo fora do domicílio, destinada à mesma unidade de consumo do indivíduo que adquiriu o alimento durante a semana da coleta de dados.

A escolha dos grupos de alimentos baseou-se em diretrizes brasileiras referentes à alimentação e nutrição, em consonância às recomendações do Guia Alimentar para a População Brasileira.<sup>b</sup> Para a descrição do consumo de alimentos fora do domicílio, os itens de alimentos citados pelos entrevistados foram agrupados em bebidas alcoólicas, refrigerantes, biscoitos, frutas, doces, leite e derivados, *fast foods*, salgados fritos e assados e refeições. Para a classificação foram consideradas as características mais representativas do alimento consumido, por exemplo, arroz com feijão foi agrupado em refeições; enquanto sanduíches e hambúrgueres foram agrupados em *fast foods*.

As bebidas alcoólicas, os refrigerantes, os biscoitos, os doces, os *fast foods* e os salgados fritos e assados foram selecionados como possíveis marcadores do consumo de uma alimentação “não saudável”. Para os biscoitos foram incluídos todos os biscoitos doces e salgados, do tipo recheado e waffer. No grupo dos doces foram considerados balas, bombons, chocolates, sorvete, *milk shake*, docinhos de festa, dentre outros. O grupo

dos *fast foods* refere-se a todos os tipos de sanduíches, incluindo hambúrgueres, *cheeseburgers*, pizza, batata frita e outros. No grupo dos salgados fritos e assados foram incluídos coxinha, risole, pastel e outros.

Há recomendações específicas do Ministério da Saúde para o grupo de frutas e de leite e derivados, incluídos como possíveis marcadores de uma alimentação saudável. As refeições também foram incluídas como um grupo de alimentos, pois no Brasil, tradicionalmente as refeições são baseadas em arroz e feijão e esse padrão dietético tem sido associado a baixo risco de sobrepeso e obesidade.<sup>14</sup> O grupo das refeições inclui almoço e jantar *a la carte*, *self service* e refeições escolares.

Para o cálculo das frequências do consumo de alimentos fora do domicílio dividiu-se o número de indivíduos que relataram comprar pelo menos um tipo de alimento para consumo fora de casa no período de uma semana pelo número total de indivíduos. As estimativas das frequências do consumo de alimentos fora do domicílio são apresentadas segundo idade, sexo, nível de escolaridade, renda mensal familiar *per capita*, número de moradores por domicílio, regiões brasileiras, situação do domicílio e localização do domicílio (capital ou outro município). A idade foi estratificada em seis faixas etárias: dez a 19; 20 a 29; 30 a 39; 40 a 49; 50 a 59 e maior ou igual a 60 anos de idade. A variável escolaridade foi dividida em quatro níveis: sem escolaridade, ensino fundamental, ensino médio e superior incompleto, completo e pós-graduação. A renda foi calculada como a razão entre todos os rendimentos mensais (monetários e não-monetários) da família e o total de pessoas que compõem a família. Os estratos de renda considerados foram: até ½ salário mínimo, entre ½ e dois salários mínimos, entre dois e cinco salários mínimos e mais de cinco salários mínimos. O valor do salário considerado foi referente ao salário mínimo vigente em 15 de janeiro de 2003 (R\$ 200,00). A mediana do número de moradores por domicílio foi igual a quatro. Utilizamos esse número para estratificarmos a variável em dois grupos: domicílios com menos de quatro moradores e domicílios com mais de quatro moradores. Para a variável situação do domicílio utilizou-se a mesma estratificação considerada na POF: domicílio urbano ou rural.

Foram testadas associações entre consumir alimentos fora do domicílio e as variáveis sexo, número de moradores por domicílio, situação do domicílio (urbano ou rural) e localização do domicílio (capital ou em outro município), por meio do teste do qui-quadrado. O teste de qui-quadrado utilizado foi o com correção de segunda ordem de Rao-Scott, uma versão com correção do efeito de desenho para a estatística do qui-quadrado de Pearson.<sup>13</sup>

<sup>a</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Aquisição domiciliar per capita, Brasil e grandes regiões. Rio de Janeiro; 2004.

<sup>b</sup> Ministério da Saúde. Guia alimentar para a população brasileira: promovendo a alimentação saudável. Brasília, DF; 2006.

Para as variáveis com mais de dois níveis de classificação (idade, escolaridade e renda), as associações foram calculadas por meio de regressão logística. As variáveis idade, escolaridade e renda foram incluídas no modelo como variáveis independentes e consumir ou não alimentos fora do domicílio, como variável dependente. A relação quadrática encontrada entre consumir alimentos fora do domicílio e idade foi calculada com a inclusão dos termos linear e quadrático da idade como variáveis independentes na regressão logística.

Também foram estimadas as frequências de consumo dos grupos de alimentos segundo região brasileira, idade, sexo, renda e situação do domicílio.

Todas as estimativas foram calculadas utilizando o *software* SAS, versão 9.1 (Statistical Analysis System). Dada a complexidade do desenho amostral, foi utilizado o procedimento *survey* que incorpora os fatores de expansão da POF a cada domicílio e leva em conta os dois níveis de seleção da amostra.

## RESULTADOS

A prevalência do consumo de alimentos fora do domicílio foi de 35,1%. A região Sudeste, seguida da Sul e da Nordeste, apresentou maior frequência de consumo fora do domicílio (38,8%; 34,8% e 32,4%, respectivamente); enquanto as regiões Centro-Oeste e Norte apresentaram as menores frequências (30,9% e 28,1%, respectivamente). O estado com maior frequência foi o do Rio de Janeiro (46,7%), seguido do Distrito Federal (45,1%) e os estados com menores frequências foram Mato Grosso (20,9%) e Rio Grande do Norte (19,3%).

Maior frequência de consumo fora do domicílio ocorreu na faixa de idade entre 20 e 40 anos. Em todas as regiões, o sexo masculino apresentou maior frequência de consumo de alimentos fora do domicílio do que o sexo feminino. A frequência de consumo cresceu de maneira linear com o aumento do nível de escolaridade e da renda mensal familiar *per capita*. Com relação ao tamanho da família, famílias com menos de quatro pessoas (mediana) apresentaram percentuais maiores de consumo de alimentos fora do domicílio. A área urbana, quando comparada à área rural, apresentou maior frequência de consumo, assim como os municípios da capital quando comparados com os outros municípios (Tabela 1).

A média da renda mensal familiar *per capita* entre os indivíduos que consomem alimentos fora do domicílio foi de R\$ 673,30 para o Brasil como um todo. O Nordeste e o Norte apresentaram as menores médias (R\$ 375,20 e R\$ 412,10, respectivamente), enquanto as médias do Centro-Oeste, Sul e Sudeste foram de R\$ 707,50; R\$ 781,50 e R\$ 829,80, respectivamente.

A Tabela 2 mostra a frequência de consumo dos grupos de alimentos no Brasil e em cada região brasileira. A maior frequência de consumo fora do domicílio no Brasil referiu-se ao grupo dos refrigerantes, variando de 9% no Nordeste a 14% no Sudeste. Na região Sul, o item que apresentou maior frequência foi o das refeições e no Nordeste, o dos doces. Já o grupo com menor frequência de consumo fora do domicílio em todas as regiões foi o das frutas.

Observou-se influência da renda mensal familiar *per capita* para a maioria dos alimentos. Os indivíduos com maior rendimento apresentaram frequência de consumo de refeições fora de casa cinco vezes maior que os indivíduos da menor faixa de renda, e no Norte esse aumento foi de quase dez vezes (dados não mostrados). O grupo de alimentos com a maior diferença entre as frequências, segundo as faixas de renda, foi o grupo dos *fast foods*. Indivíduos com cinco ou mais salários mensais apresentaram frequência de consumo de *fast food* sete vezes maior do que os indivíduos com até ½ salário mínimo mensal. Os únicos grupos que não apresentaram crescimento linear com o aumento da faixa de renda foram: os biscoitos e as frutas. No grupo dos biscoitos, os indivíduos com menor renda (até dois salários) apresentaram as maiores frequências de consumo. O grupo das frutas apresentou frequências de consumo praticamente estáveis entre as faixas de renda (Tabela 3).

A média semanal do gasto total com alimentação fora de casa no Brasil foi de R\$ 14,37. Os gastos foram menores para o grupo dos biscoitos (R\$ 1,79) e doces (R\$ 2,02), e maiores para o grupo das refeições (R\$ 21,56), bebidas alcoólicas (R\$ 12,14) e *fast food* (R\$ 7,86). Os gastos médios com a aquisição de frutas, salgadinhos fritos e assados, leite e derivados e refrigerantes foram, respectivamente, de R\$ 2,67; R\$ 2,86; R\$ 3,08 e R\$ 3,17.

Com relação ao sexo, os homens apresentaram maior frequência de consumo da maioria dos alimentos, sendo dez vezes maior a frequência do consumo das bebidas alcoólicas entre os homens do que entre as mulheres. Estas apresentaram prevalências de consumo maiores para os grupos dos biscoitos, frutas e doces (Tabela 4).

A participação das frutas no consumo de alimentos fora do domicílio foi maior na área rural do que na urbana. No entanto, a proporção de indivíduos que consomem alimentos fora do domicílio para os outros grupos de alimentos foi maior na área urbana comparada à rural (Tabela 4). Na área urbana, o grupo dos refrigerantes foi o que apresentou maior frequência de consumo, enquanto na área rural, o grupo com maior frequência foi o das refeições. No entanto, grande parte dessas refeições é realizada nas escolas (48,7%). Enquanto na área urbana 46,5% das refeições são em restaurantes a quilo, na área rural representaram 19,6%.

**Tabela 1.** Frequência do consumo, referido em uma semana, de alimentos fora do domicílio segundo condições demográficas e socioeconômicas no Brasil e nas regiões brasileiras. Brasil, 2002-2003.

Variável	Região (%)					
	Brasil n=146.525	Norte n=21.759	Nordeste n=59.801	Centro- Oeste n=23.170	Sudeste n=24.956	Sul n=16.839
Faixa etária (anos)						
10 a 19	30,6	16,2	31,0	27,0	35,4	27,1
20 a 29	42,5	36,7	37,3	37,5	47,3	44,0
30 a 39	42,2	39,0	39,3	35,7	45,4	42,4
40 a 49	38,0	34,1	33,1	33,7	41,4	38,1
50 a 59	30,9	25,1	28,0	23,0	34,3	30,8
60 ou mais	19,0	18,3	18,4	16,3	19,3	20,0
p da tendência quadrática	<0,0001	<0,0001	<0,0001	<0,0001	<0,0001	<0,0001
Sexo						
Masculino	39,1	32,3	36,1	35,6	43,2	37,7
Feminino	31,4	23,9	29,0	26,3	34,7	32,0
p do teste X <sup>2</sup>	<0,0001	<0,0001	<0,0001	<0,0001	<0,0001	<0,0001
Nível de escolaridade						
Sem instrução	18,5	17,8	21,1	13,6	16,3	16,6
Nível fundamental	31,3	31,3	31,2	26,9	32,2	30,8
Nível médio	45,8	43,0	43,6	40,6	46,3	45,4
Superior incompleto, completo e pós-graduação	61,7	58,2	52,7	57,1	64,7	60,9
p da tendência linear	<0,0001	<0,0001	<0,0001	<0,0001	<0,0001	<0,0001
Renda mensal familiar <i>per capita</i> (em salários mínimos)						
Até ½	22,5	17,4	23,4	15,0	25,7	20,3
> ½ a 2	31,6	29,2	33,4	27,4	32,9	28,1
> 2 a 5	41,9	38,3	45,6	39,1	41,9	40,9
> 5 salários	52,4	48,8	52,0	48,2	53,4	51,4
p da tendência linear	<0,0001	<0,0001	<0,0001	<0,0001	<0,0001	<0,0001
Moradores por domicílios						
>4	31,6	24,6	30,2	28,4	35,6	30,0
≤4	37,6	33,1	34,7	32,3	40,6	36,8
p do teste X <sup>2</sup>	<0,0001	<0,0001	<0,0001	<0,0001	<0,0001	<0,0001
Situação do domicílio						
Rural	28,4	19,0	28,5	19,6	35,4	27,4
Urbano	36,5	31,1	33,9	32,4	39,1	36,3
p do teste X <sup>2</sup>	<0,0001	<0,0001	<0,0001	<0,0001	0,0013	<0,0001
Município de localização do domicílio						
Outros municípios	33,5	25,7	30,7	28,6	37,4	33,5
Município da capital	40,6	33,8	38,3	39,6	43,0	42,8
p do teste X <sup>2</sup>	<0,0001	<0,0001	<0,0001	<0,0001	<0,0001	<0,0001

Perfis diferenciados da frequência de consumo dos grupos de alimentos caracterizam as cinco faixas etárias. Observa-se que as frequências de consumo dos grupos dos refrigerantes, frutas, leite e derivados, *fast foods* e salgados fritos e assados aumentaram até a faixa dos 30 anos de idade e depois se reduziram. Para

o grupo das bebidas alcoólicas e refeições o aumento estendeu-se até a faixa dos 40 anos. Distribuição diferente foi observada para os biscoitos e doces, na qual houve um declínio nas frequências de consumo com o aumento da idade (Tabela 5).

**Tabela 2.** Frequência do consumo, referido em uma semana, dos grupos de alimentos fora do domicílio no Brasil e nas regiões brasileiras. Brasil, 2002-2003.

Grupo de alimento	Região % (IC 95%)					
	Brasil n=146.525	Norte n=21.759	Nordeste n=59.801	Centro-Oeste n=23.170	Sudeste n=24.956	Sul n=16.839
Bebidas alcoólicas	6,4 (6,1;6,6)	5,7 (5,3;6,2)	6,6 (6,3;6,9)	5,1 (4,7;5,4)	6,8 (6,3;7,2)	5,7 (5,3;6,1)
Refrigerantes	12,0 (11,7;12,4)	11,0 (10,3;11,6)	9,2 (8,8;9,6)	11,2 (10,7;11,8)	14,1 (13,4;14,8)	12,0 (11,4;12,7)
Biscoitos	2,8 (2,7;3,0)	2,7 (2,4;3,1)	3,4 (3,2;3,7)	2,3 (2,0;2,6)	2,9 (2,6;3,1)	2,1 (1,8;2,3)
Frutas	0,7 (0,6;0,7)	0,9 (0,7;1,2)	0,9 (0,8;1,1)	0,3 (0,2;0,4)	0,6 (0,4;0,7)	0,4 (0,3;0,5)
Doces	9,5 (9,1;9,8)	7,2 (6,7;7,8)	10,3 (9,9;10,7)	6,1 (5,6;6,5)	10,2 (9,6;10,8)	8,4 (7,8;8,9)
Leite e derivados	2,3 (2,1;2,4)	2,1 (1,8;2,4)	2,3 (2,1;2,5)	1,6 (1,4;1,9)	2,6 (2,3;2,9)	1,6 (1,3;1,8)
Refeições	11,5 (11,1;11,8)	7,0 (6,4;7,5)	8,6 (8,3;9,0)	10,7 (10,1;11,4)	13,3 (12,6;14,0)	14,0 (13,3;14,6)
<i>Fast foods</i>	7,2 (6,9;7,5)	4,1 (3,7;4,5)	5,1 (4,8;5,4)	5,2 (4,8;5,6)	9,2 (8,6;9,8)	7,8 (7,3;8,3)
Salgados fritos e assados	9,2 (8,9;9,5)	8,7 (8,1;9,4)	8,4 (8,0;8,8)	9,0 (8,5;9,6)	10,6 (10,0;11,2)	6,8 (6,3;7,3)

## DISCUSSÃO

As características dos indivíduos que relataram consumir alimentos fora do domicílio corroboram achados de outros estudos.<sup>3,12</sup> Adultos jovens, do sexo

masculino e com maior escolaridade são os que apresentam maior frequência de consumo de alimentos fora do domicílio. Foi também possível identificar maiores frequências entre os indivíduos residentes em domicílios situados na área urbana, no município

**Tabela 3.** Frequência do consumo, referido em uma semana, dos grupos de alimentos fora do domicílio segundo faixas de renda mensal familiar *per capita*. Brasil, 2002-2003.

Grupo de alimento	Renda mensal familiar <i>per capita</i> em salários mínimos % (IC 95%)			
	Até ½ salário n=32.146	½-2 salários n=73.248	2-5 salários n=27.871	5 salários ou + n=13.260
Bebidas alcoólicas	3,9 (3,5;4,3)	5,7 (5,4;6,0)	7,9 (7,3;8,5)	9,2 (8,3;10,0)
Refrigerantes	5,1 (4,7;5,6)	10,6 (10,2;11,0)	16,0 (15,2;16,9)	19,0 (17,7;20,3)
Biscoitos	2,8 (2,5;3,1)	3,2 (3,0;3,4)	2,5 (2,2;2,8)	2,3 (1,8;2,7)
Frutas	0,6 (0,4;0,7)	0,7 (0,6;0,8)	0,6 (0,4;0,7)	0,8 (0,5;1,0)
Doces	8,0 (7,4;8,5)	9,2 (8,8;9,6)	10,2 (9,4;10,9)	11,0 (9,9;12,0)
Leite e derivados	1,4 (1,2;1,6)	2,0 (1,8;2,2)	2,8 (2,5;3,2)	3,4 (2,9;4,0)
Refeições	5,8 (5,2;6,3)	8,3 (7,9;8,7)	13,7 (12,9;14,5)	27,0 (25,5;28,5)
<i>Fast foods</i>	2,1 (1,8;2,5)	5,1 (4,8;5,5)	10,7 (9,9;11,5)	15,2 (13,9;16,5)
Salgados fritos e assados	5,8 (5,4;6,3)	8,6 (8,3;9,0)	11,2 (10,5;12,0)	11,7 (10,6;12,8)

**Tabela 4.** Frequência do consumo, referido em uma semana, dos grupos de alimentos fora do domicílio segundo sexo e situação do domicílio. Brasil, 2002-2003.

Grupo de alimento	Sexo		Situação do domicílio	
	Homem n=71.501	Mulher n=75.024	Urbano n=113.005	Rural n=33.520
Bebidas alcoólicas	11,2 (10,8;11,7)	1,7 (1,6;1,9)	6,4 (6,1;6,7)	6,1 (5,8;6,5)
Refrigerantes	14,3 (13,8;14,8)	9,9 (9,5;10,3)	12,7 (12,3;13,2)	8,4 (8,0;8,9)
Biscoitos	2,5 (2,3;2,7)	3,2 (3,0;3,4)	2,9 (2,7;3,0)	2,8 (2,6;3,1)
Frutas	0,6 (0,5;0,6)	0,7 (0,6;0,8)	0,6 (0,5;0,7)	0,9 (0,7;1,0)
Doces	7,7 (7,3;8,1)	11,1 (10,7;11,5)	9,7 (9,3;10,1)	8,2 (7,7;8,7)
Leite e derivados	2,5 (2,3;2,7)	2,0 (1,8;2,2)	2,3 (2,2;2,5)	1,9 (1,7;2,1)
Refeições	13,2 (12,8;13,7)	9,8 (9,4;10,2)	11,9 (11,5;12,3)	9,3 (8,7;9,8)
<i>Fast foods</i>	8,0 (7,6;8,4)	6,4 (6,1;6,8)	8,0 (7,6;8,4)	3,2 (2,9;3,5)
Salgados fritos e assados	9,4 (9,0;9,8)	8,9 (8,5;9,3)	9,6 (9,3;10,0)	7,0 (6,6;7,4)

da capital e com menos de quatro moradores. Esses aspectos, juntamente com a escolaridade, são importantes marcadores do nível socioeconômico dos indivíduos, confirmando a importância da renda como um determinante do consumo de alimentos. Beydoun et

al<sup>3</sup> (2008), estudando os gastos com alimentação fora de casa nos EUA, encontraram uma associação linear entre os gastos e a renda familiar *per capita* e uma piora na qualidade da dieta dos americanos com maior gasto com alimentos consumidos fora do domicílio.

**Tabela 5.** Frequência do consumo, referido em uma semana, dos grupos de alimentos fora do domicílio segundo faixas de idade. Brasil, 2002-2003.

Grupo de alimentos	Faixas de idade % (IC 95%)					
	10 a 19 n=38.509	20 a 29 n=31.905	30 a 39 n=26.335	40 a 49 n=20.674	50 a 59 n=13.819	≥60 n=15.283
Bebidas alcoólicas	1,9 (1,7;2,1)	8,7 (8,1;9,3)	9,1 (8,5;9,8)	8,7 (8,0;9,3)	6,7 (6,0;7,5)	3,9 (3,4;4,4)
Refrigerantes	11,3 (10,6;11,9)	16,5 (15,7;17,3)	14,4 (13,5;15,2)	11,4 (10,6;12,2)	8,7 (7,9;9,5)	4,6 (4,1;5,1)
Biscoitos	4,6 (4,3;5,0)	3,4 (3,0;3,7)	2,6 (2,3;2,9)	1,7 (1,4;1,9)	1,5 (1,2;1,8)	0,8 (0,6;1,0)
Frutas	0,7 (0,6;0,8)	0,9 (0,7;1,1)	0,7 (0,6;0,9)	0,5 (0,4;0,7)	0,4 (0,3;0,6)	0,4 (0,2;0,5)
Doces	13,4 (12,7;14,1)	10,2 (9,6;10,8)	10,8 (10,0;11,5)	7,4 (6,7;8,1)	5,4 (4,7;6,1)	2,8 (2,3;3,2)
Leite e derivados	1,5 (1,3;1,7)	3,0 (2,6;3,3)	2,9 (2,5;3,2)	2,7 (2,2;3,1)	2,2 (1,8;2,7)	1,2 (0,9;1,4)
Refeições	7,5 (7,0;8,0)	13,3 (12,6;14,0)	15,7 (15,0;16,6)	14,5 (13,7;15,4)	10,8 (9,9;11,7)	6,4 (5,7;7,1)
<i>Fast foods</i>	6,5 (5,9;7,0)	10,5 (9,8;11,3)	8,6 (7,9;9,3)	7,0 (6,3;7,7)	5,0 (4,2;5,7)	2,3 (1,8;2,7)
Salgados fritos e assados	9,6 (9,0;10,1)	11,8 (11,2;12,5)	10,7 (9,9;11,4)	8,6 (7,9;9,3)	6,6 (5,9;7,4)	3,4 (2,9;3,9)

Foram observadas disparidades regionais em termos de renda mensal familiar *per capita* dos indivíduos que fazem algum consumo de alimentos fora do domicílio. A renda do Norte e Nordeste é metade da renda das demais regiões. No entanto, as frequências do consumo de alimentos fora do domicílio entre os indivíduos da menor faixa de renda no Norte e Nordeste foram maiores em comparação às frequências dos indivíduos da menor faixa de renda das demais regiões. Uma possível explicação para esse achado aparentemente contraditório seria a possibilidade do consumo eventual de alguns itens de muito baixo custo, como doces, ser maior no Nordeste.

Na análise dos tipos de alimentos consumidos fora do domicílio, observa-se uma participação importante do grupo dos refrigerantes em todas as regiões do Brasil. Em estudo realizado na Bélgica com uma amostra representativa da população (N=3.245 indivíduos acima de 15 anos), Vandevijvere et al<sup>17</sup> (2009) também identificaram os refrigerantes como o grupo mais consumido fora de casa. Ayala et al<sup>1</sup> (2008) apontam que crianças de famílias americanas que consomem alimentos fora de casa (em restaurantes ou casa de familiares e amigos) pelo menos uma vez por semana consomem mais refrigerantes e bebidas açucaradas. No Brasil, esse ponto chama atenção se avaliado juntamente com a disponibilidade domiciliar de refrigerantes, houve aumento do consumo na ordem de 400% nas áreas metropolitanas do país entre 1974 e 2003.<sup>9</sup> Além disso, o consumo de refrigerantes fora do domicílio, segundo as faixas de renda, acompanha a disponibilidade domiciliar desse alimento;<sup>9</sup> nos dois casos o consumo aumenta de maneira intensa e contínua com os rendimentos.

A maior frequência de consumo de doces na região Nordeste também é preocupante, já que a disponibilidade domiciliar de açúcar no Brasil representa 13,7% das calorias provenientes de carboidratos.<sup>9</sup> Esse valor é superior às recomendações nutricionais de 10% propostas pela Organização Mundial da Saúde.<sup>19</sup>

Apesar das refeições terem sido analisadas como um possível marcador de uma alimentação saudável,<sup>14</sup> suas frequências devem ser avaliadas com cautela. O fato de não haver detalhes sobre os tipos de alimentos presentes nessas refeições, bem como a quantidade consumida, limita conclusões acerca da contribuição benéfica desse grupo. No Brasil, o consumo de refeições fora do domicílio foi associado de maneira negativa com sobrepeso e obesidade entre mulheres, no entanto, apresentou associação positiva entre os homens.<sup>2</sup>

Outras características negativas da alimentação fora do domicílio no Brasil foram a baixa frequência do consumo de frutas e a frequência relativamente alta do consumo de salgadinhos fritos e assados. Os salgadinhos

são, na maioria das vezes, fritos, tornando-se fontes de gordura saturada e gordura parcialmente hidrogenada (trans).<sup>5</sup>

Um dos fatores que pode contribuir para o consumo de alimentos “menos saudáveis” é o seu baixo custo. Alimentos com alta densidade energética são os que possuem menores preços, enquanto alimentos de baixa densidade energética e alta densidade de nutrientes são os mais caros e os que mais variam de preço.<sup>11</sup> Isso foi comprovado no presente estudo, uma vez que a média dos gastos com a aquisição de doces foi uma das menores, sendo esse o grupo de alimento mais consumido entre os indivíduos da menor faixa de renda. Além disso, no Brasil, a diminuição do preço de frutas, legumes e verduras é a principal responsável pela inclusão desses alimentos na dieta, principalmente entre as faixas de menor renda.<sup>4</sup>

Apesar de o estudo utilizar dados de uma amostra representativa da população brasileira, a POF é delimitada com o propósito da coleta de dados referentes aos orçamentos familiares e mesmo que represente a cadeia inicial do consumo, as estimativas do consumo a partir da aquisição de alimentos podem não ser adequadas. Isso acontece principalmente para os alimentos adquiridos para consumo fora do domicílio, pois o tipo de alimento e a quantidade consumida não são suficientemente detalhados em pesquisas de orçamentos.

Em conclusão, os dados apresentados são uma primeira estimativa do consumo de alimentos fora do domicílio no Brasil. Esse consumo foi maior entre os adultos jovens, do sexo masculino e com maior nível de renda, sendo os refrigerantes e as refeições os grupos de alimentos mais consumidos fora de casa, enquanto as frutas apresentaram as menores frequências de consumo. A renda tem um papel importante na determinação do consumo de alimentos fora de casa, uma vez que este aumenta de maneira linear com o aumento da renda e pode refletir maior gasto com o consumo de alimentos menos saudáveis e de baixo custo nas menores faixas de renda. Os gastos apresentaram papel importante na alimentação fora do domicílio, pois os gastos com refeição foram 12 vezes maior do que os gastos com biscoitos e dez vezes maior do que os gastos com doces. Em termos populacionais, os achados do presente estudo somados aos de disponibilidade domiciliar de alimentos no Brasil apontam a prática de uma dieta que pode favorecer o surgimento da obesidade e outras doenças crônicas; essas dimensões devem ser consideradas em termos de estratégias voltadas para promoção de alimentação saudável. No entanto, devido à complexidade do tema e à limitação dos dados, estudos futuros são necessários para melhor caracterizar o consumo de alimentos fora do domicílio no Brasil e suas repercussões na saúde dos brasileiros.

## REFERÊNCIAS

1. Ayala GX, Rogers M, Arredondo EM, Campbell NR, Baquero B, Duerksen SC, et al. Away-from-home food intake and risk for obesity: examining the influence of context. *Obesity (Silver Spring)*. 2008;16(5):1002-8. DOI:10.1038/oby.2008.34
2. Bezerra IN, Sichieri R. Eating out of home and obesity: a Brazilian nationwide survey. *Public Health Nutr*. 2009;12(11):2037-43.
3. Beydoun MA, Powell LM, Wang Y. Reduced away-from-home food expenditure and better nutrition knowledge and belief can improve quality of dietary intake among US adults. *Public Health Nutr*. 2009;12(3):369-81.
4. Claro RM, Carmo HCE, Machado FMS, Monteiro CA. Renda, preço dos alimentos e participação de frutas e hortaliças na dieta. *Rev Saude Publica*. 2007;41(4):557-64. DOI:10.1590/S0034-89102007000400009
5. Guallar-Castillón P, Rodríguez-Artalejo F, Fornés NS, Banegas JR, Etxezarreta PA, Ardanaz E, et al. Intake of fried foods is associated with obesity in the cohort of Spanish adults from the European Prospective Investigation into Cancer and Nutrition. *Am J Clin Nutr*. 2007;86(1):198-205.
6. Guthrie JF, Lin BH, Frazao E. Role of food prepared away from home in the American diet, 1977-78 versus 1994-96: changes and consequences. *J Nutr Educ Behav*. 2002;34(3):140-50. DOI:10.1016/S1499-4046(06)60083-3
7. Kant AK, Graubard BI. Eating out in America, 1987-2000: trends and nutritional correlates. *Prev Med*. 2004;38(2):243-9. DOI:10.1016/j.ypmed.2003.10.004
8. Kearney JM, Hulshof KF, Gibney MJ. Eating patterns-temporal distribution, converging and diverging foods, meals eaten inside and outside of the home--implications for developing FBDG. *Public Health Nutr*. 2001;4(2B):693-8. DOI:10.1079/PHN2001156
9. Levy-Costa RB, Sichieri R, Pontes NS, Monteiro CA. Disponibilidade domiciliar de alimentos no Brasil: distribuição e evolução (1974-2003). *Rev Saude Publica*. 2005;39(4):530-40. DOI:10.1590/S0034-89102005000400003
10. Mendonça CP, Anjos LA. Aspectos das práticas alimentares e da atividade física como determinantes do crescimento do sobrepeso/obesidade no Brasil. *Cad Saude Publica*. 2004;20(3):698-709. DOI:10.1590/S0102-311X2004000300006
11. Monsivais P, Drewnowski A. The rising cost of low-energy-density foods. *J Am Diet Assoc*. 2007;107(12):2071-6. DOI:10.1016/j.jada.2007.09.009
12. Orfanos P, Naska A, Trichopoulos D, Slimani N, Ferrari P, van Bakel M, et al. Eating out of home and its correlates in 10 European countries. The European Prospective Investigation into Cancer and Nutrition (EPIC) study. *Public Health Nutr*. 2007;10:1515-25. DOI:10.1017/S1368980007000171
13. Rao JNK, Scott AJ. On chi-squared tests for multiway contingency tables with cell proportions estimated from survey data. *Ann Stat*. 1984;12(1):46-60. DOI:10.1214/aos/1176346391
14. Sichieri R. Dietary patterns and their associations with obesity in the Brazilian city of Rio de Janeiro. *Obes Res*. 2002;10(1):42-8. DOI:10.1038/oby.2002.6
15. Sichieri R, Pereira RA, Martins A, Vasconcellos A, Trichopoulou A. Rationale, design, and analysis of combined Brazilian household budget survey and food intake individual data. *BMC Public Health*. 2008;8:89. DOI:10.1186/1471-2458-8-89
16. Variyam JN. Do nutrition labels improve dietary outcomes? *Health Econ*. 2008;17(6):695-708. DOI:10.1002/hec.1287
17. Vandevijvere S, Lachat C, Kolsteren P, Van Oyen H. Eating out of home in Belgium: current situation and policy implications. *Br J Nutr*. 2009;102(6):921-8. DOI:10.1017/S0007114509311745
18. World Health Organization. Obesity: preventing and managing the global epidemic: report of a WHO consultation on obesity. Geneva; 1998. (WHO/NUT/NCD/98.1).
19. World Health Organization. Diet, nutrition and the prevention of chronic diseases. Geneva; 2003. (Technical report series, 797).
20. Young LR, Nestle M. The contribution of expanding portion sizes to the US obesity epidemic. *Am J Public Health*. 2002;92(2):246-9. DOI:10.2105/AJPH.92.2.246

Artigo baseado na dissertação de mestrado de Bezerra IN, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em 2009.

Bezerra IN foi apoiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) – Proc. N° E – 26/100.79; bolsa de mestrado).

Trabalho apresentado no XVIII Congresso Mundial de Epidemiologia, realizado em Porto Alegre, RS, em 2008.

Os autores declaram não haver conflito de interesses.